

DE CAXIAS A DOM PEDRITO

No dia 21 de setembro, sábado, logo depois do almoço, tomei o rumo de Dom Pedrito para cumprir mais um compromisso na semana. Estava solito. Entre uma música e outra fui rememorando as atividades relativas à SEMANA FARROUPILHA que se encerrara oficialmente à meia noite passada. Participei da extinção da Chama Crioula em Caxias do Sul. Bela solenidade comandada pelo Coordenador Sadi.

Já somavam 45 dias de atividades, desde o acendimento da chama crioula em Laguna. Lembrei do entusiasmo do Tio Preto e do orgulho que os catarinenses sentem em pertencer à grande família gaúcha. Lamentei a chuva do dia 23 de agosto e senti saudades da gente de Santa Maria. A hospitalidade e o carinho do Ponche Verde CTG e do CPF Piá do Sul foram comoventes. Como num filme passaram as imagens das reuniões preparatórias em Porto Alegre, lá estavam os representantes do MTG, Prefeitura, IGTF, Câmara de Vereadores e Brigada Militar peleando por espaço e, cada um a seu modo, querendo o melhor para a SEMANA FARROUPILHA que teve início com a montagem do acampamento no dia 31 de agosto. Semana? Não. Muito mais do que uma semana, mesmo que a Lei 4.850 se refira ao período de 14 a 20 de setembro.

Lembrei das andanças por Gravataí, Osório, Santana do Livramento e Bagé. Foram três dias de muita aprendizagem. A presença constante da companheira Odila, da Primeira Prenda Cristiane e do Primeiro Peão Marcelo foram fundamentais. Privamos da agradável companhia do Prefeito Bordignon, nos deliciamos com os poemas na Sesmária e jantamos de madrugada no CTG Estância da Serra, nos intrometemos no desfile de Santa Margarida do Sul antes de saborear as gentilezas do CTG Presilha do Pago em Livramento. Já era segunda-feira, dia 16, quando almoçamos no CTG Campo Aberto. Jantamos no CTG Sentinela da Fronteira e terminamos a noite no saral que o CTG Prenda Minha promoveu ao som de João Luiz Corrêa. Foram momentos de convivência que possibilitaram reflexões sobre os rumos do movimento tradicionalista na Fronteira.

Ao recordar da chegada da chama crioula em Porto Alegre e da recepção feita aos cavaleiros em Eldorado do Sul, tentei imaginar quantos homens e mulheres de a cavalo trilharam os caminhos do Rio Grande levando a chama crioula de cidade em cidade, de CTG em CTG. É impossível medir a quilometragem percorrida e o número de tradicionalistas participantes. São muitos, anônimos e orgulhosos de si mesmos. A memória me trouxe as imagens da abertura das atividades em Farroupilha no dia 13 e em Porto Alegre no dia 14.

Pelas quatro da tarde deixava para trás a região das colônias e já ampliava a visão pelas planuras da campanha sulcada pela BR-290. Pus-me a imaginar farrapos e imperiais, chimangos e maragatos, brigadianos e paisanos, em cargas de cavalaria ou em astuciosas movimentações guerrilheiras, em constante movimento naquelas plagas, durante 100 anos, entre a Guerra da Cisplatina e a Revolução de 1923.

Imaginei homens lutando sem saber bem porquê. E as mulheres? Ficavam nas estâncias, nos galpões, nos casebres, criando filhos, cuidando dos velhos e não permitindo que a vida se esvaísse ou, então, seguiam com os exércitos: abnegadas e corajosas vivandeiras. Mais do que justa a homenagem que fizemos a todas as mulheres desta terra. Chamaram-me à atenção os ipês amarelos e roxos que emolduravam o caminho negro do asfalto, sem folhas, mas repletos de vida.

A lembrança do Acampamento Farroupilha em Porto Alegre me fez concluir que, apesar do lamentável episódio com o cidadão pelotense, foi o melhor dos últimos anos. Mais de 3.000 pessoas permaneceram acampadas por 23 dias e mais de 400.000 pessoas visitaram o acampamento. Entre 10 e 22 de setembro foram realizados mais de 50 espetáculos artístico-musicais. Mais de 10.000 alunos visitaram o local. O desfile do dia anterior, na Capital, contou com mais de 3.000 cavaleiros, 106 carros alegóricos e um total de 4.000 pessoas passaram pela avenida, acompanhados por mais de 30.000 expectadores. No rosto de cada tradicionalista o orgulho de ser herdeiro moral daqueles homens e mulheres que sustentaram uma guerra por dez anos e que, sem perder o orgulho e sem negar os ideais, assinaram os termos da Paz garantindo a anistia geral, a primeira abolição de escravos e o direito de serem ainda mais brasileiros.

Já baixava o sol quando cruzei os limites de Bagé com Dom Pedrito. Revi o Prefeito Quintiliano e privei da hospitalidade dos pedritenses. Foi muito gratificante e significativa a visita à terra da Paz de Ponche Verde.

Como Presidente senti orgulho do MTG. Senti orgulho de participar da família tradicionalista. Senti orgulho de ter nascido gaúcho. Senti orgulho de ser bairrista e de estar contribuindo para a construção da nossa identidade social. Foram mais de quinhentos quilômetros de reflexão que me ajudaram a fortalecer a convicção de que estamos no caminho certo, mesmo que alguns escribas e alguns pseudocidadãos insistam em dizer o contrário.

Manoelito C. Savaris
Presidente MTG